

IMAGENS DA GRANDE MÍDIA IMPRESSA SOBRE RONDÔNIA: DO ELDORADO INACABADO AO PROGRESSO DO LOCAL DA ESPERANÇA

José Lucas Pedreira Bueno¹

Lourival Inácio Filho²

RESUMO: Este estudo apresenta uma reflexão crítica sobre as mídias jornalísticas impressas no que se refere às representações sobre Rondônia entre 1981 e 1985. É um trabalho histórico-cultural, no qual se utilizou como fonte a produção da imprensa escrita. A abordagem metodológica foi serial, com técnicas de análise de conteúdo; para o tratamento, sistematização e manuseio dos textos. Utilizou-se dos conceitos de hegemonia na busca de entendimento das manipulações da notícia. O recorte temporal se caracteriza como um período de aceleração de múltiplos tempos e a reconstrução de espaços físicos e imaginários sobre Rondônia, provocados por um intenso processo migratório sobre a Terra da Providência e o Novo Eldorado.

PALAVRAS-CHAVE: Rondônia, Mídia Impressa, Hegemonia.

RESUMEN: Este estudio presenta una reflexión crítica sobre los medios de comunicación impresos en relación con las representaciones de Rondônia entre 1981 y 1985. Se trata de una obra histórica y cultural, que se utilizó como fuente la producción de la prensa escrita. El enfoque metodológico fue de serie, con las técnicas de análisis de contenido; para el tratamiento, ordenación y manejo de textos. Utilizamos los conceptos de hegemonía en la búsqueda de la comprensión de la manipulación de las noticias. El marco de tiempo se caracteriza por ser un período de aceleración en múltiples ocasiones y la reconstrucción de los espacios físicos e imaginarios de Rondônia, causadas por un proceso migratorio intenso en la Tierra de la Providencia y el Nuevo Eldorado.

PALABRAS CLAVE: Rondônia, Prensa escrita, la hegemonía.

INTRODUÇÃO

Apesar do conceito de representação ser complexo e possuir aspectos de pluralidade, dentro da cultura jornalística impressa, o mesmo se caracteriza como relacionado a uma produção cultural, esta última não devendo ser confundida com a realidade dos fatos, mas entendida enquanto produção jornalística atrelada a múltiplos interesses, perpassando aspectos econômicos, políticos e culturais. São tentativas de dirimir as tensões sociais por meio de imagens que buscam o convencimento sobre a realidade apresentada, ou seja, representar significa se referir por meio de imagens a algo que se busca apreender de uma dada realidade.

Porém, diferente de um pintor realista que busca apreender a paisagem por determinada perspectiva visual, as representações das mídias impressas, atreladas que são as empresas jornalísticas, trabalham com padrões de manipulação da realidade, não só por quem está no comando dos veículos impressos, mas por fazerem parte de um contexto hegemônico maior. Não se trata de mero dualismo entre o real e a representação, a representação jornalística se consubstancia em um instrumento de busca maior de hegemonia. Tal busca de consenso faz com que a imprensa às vezes se aproprie de representações que não são suas, mas reverberadas de outros tempos e lugares.

A crítica às representações das mídias jornalísticas impressas sobre Rondônia, entre os anos de 1981 e 1985, é a preocupação central desta pesquisa, por meio da qual buscamos apresentar as representações sobre o estado reverberadas em tais veículos quando da formação. Nesse sentido, entendemos a produção jornalística como esforço ideológico que busca consensos hegemônicos pela reverberação de ideologias dominantes com pretensões de senso comum que possuem - às vezes - tentativas de manipulação da notícia. Para tanto utilizamos o conceito de hegemonia dentro de uma análise dos padrões de manipulação da grande imprensa.

Apesar de seu viés comercial distanciar seu consumo das classes menos favorecidas e iletradas, jornais e revistas costumam reverberar em programas radiofônicos, fazendo com que seu alcance atinja diferentes hierarquias sociais ampliando um poder inerente a imprensa de transformar algo cotidiano em fato político.

O enfoque temporal centrado no início da década de 1980 justifica-se pela aceleração de múltiplos tempos e a reconstrução de espaços - físicos e imaginários - sobre Rondônia e sobre seus povos tradicionais, que foram reverberados em jornais e revistas geralmente seguindo algum padrão de manipulação da imprensa. O período se caracteriza por grandes obras, como a pavimentação da BR-364 e, concomitante, grandes questões sociais com destaque para o *boom* migratório e o intenso processo de urbanização pelo qual passou Rondônia a partir da criação do estado, de novos municípios e da ampliação dos já existentes, afetando sobremaneira as áreas indígenas.

1 Rondônia: formação histórico-cultural

Rondônia se fez de muitas imagens; para compreendê-las faz-se necessário desmistificá-las e reconhecê-las enquanto fruto das interrelações complexas entre os movimentos e tendências socioeconômicos e culturais em temporalidades específicas em que o espaço foi sendo criado/inventado, geralmente de forma arbitrária e ligada a algum tipo de hegemonia que soube se utilizar da imprensa.

Foi importante, nesse contexto, a utilização de imagens inseridas em jornais e revistas ao longo dos anos. A “propaganda de ônibus”, utilizada aqui como mote inicial reflexivo e o “caso da onça” fazem parte dessas representações na imprensa. A primeira, representando um aspecto econômico, por isso mesmo mais defendida, pelos signos de prosperidade que representa. A segunda, por sua ligação com o natural, o selvagem, por estar ligada ao arcaico inacabado costuma ser rejeitada pelos que buscam consensos sobre o estado.

Porém, se tomarmos a análise em uma perspectiva temporal de longa duração, perceberemos que há mais reprodução do que produção de imagens sobre Rondônia de forma específica, e sobre a Amazônia de forma genérica. Essa reprodução de imagens antigas recriadas e retroalimentadas por interesses múltiplos é o que chamamos de reverberação.

As configurações geográficas do estado de Rondônia ilustram bem os grandes processos históricos. O que hoje se consubstancia em seu espaço geográfico, histórico e cultural foi originalmente iniciado por uma ocupação humana imemorial como apontam achados arqueológicos. A formação histórica ocidental é mais recente, iniciando-se no período colonial, no contexto das disputas luso-espanholas.

A partir da construção do Forte Príncipe da Beira, ainda no século XVIII - primeiro símbolo de modernidade - foi parte integrante do Amazonas e do Mato Grosso, tornando-se Território Federal do Guaporé em meados do século passado - no contexto da Segunda Guerra Mundial - quando se reativou a indústria da borracha, sempre estando atrelada aos signos de “progresso”.

Duas cidades foram importantes nesse contexto: Porto Velho (que fazia parte do Estado do Amazonas), e Guajará-Mirim (que pertencia ao Estado do Mato Grosso). Cidades que foram desenvolvidas pela vertigem da modernidade sobre a selva, moldadas pelo fetiche do maquinário, representado pela construção da

Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Rondônia veio a se tornar Estado pela histórica concretização da efetiva ligação (dependência) ao capitalismo ocidental, que impulsionou a grande migração ocorrida entre meados da 1970 e início dos anos 1990.

2 Rondônia: a imagem de vários locais

O antigo Território do Guaporé, tendo seu nome mudado para Território de Rondônia e depois, estado de Rondônia, sempre foi visto pelo olhar de fora como uma fronteira a ser explorada, seja ela geográfica, econômica, cultural entre outras. Estes múltiplos olhares, ao se estabelecerem sobre suas fronteiras, foram ao longo dos anos criando espaços tanto físicos como locais de memória, construídos, ambos, pelos que chegavam com novos tempos e diferentes culturas, sobrepondo camadas de memórias nativas no imaginário que se formou sobre o Estado.

Nesse processo, foram sobrepostas camadas de memórias com outras que foram se tornando coletivas, mesmo que por vezes negando o enfoque das tradições locais.

Os que chegaram e foram se estabelecendo em espaços também imaginários pela necessidade de se criar uma identidade dentro dos aspectos multifacetados e por vezes trágico do processo histórico da Amazônia rondoniense, foram se estabelecendo e recriando tanto fisicamente quanto culturalmente o espaço geopolítico que se formava.

Essas imagens entre sociedade e memória são muito bem exploradas por Maurice Halbwachs (2006, p. 155) quando questiona “como uma sociedade, qualquer que seja ela, poderia existir, subsistir, tomar consciência de si mesma, se não abrangesse com um olhar um conjunto de retroceder no fluxo do tempo e repassar ininterruptamente os vestígios que deixou de si mesma?”.

Tais espaços de memória não são outros que não o da memória coletiva, aonde se dá o contexto espacial a partir das relações sociais as quais na Amazônia rondoniense foram moldadas historicamente pela exploração do outro e sobre a degradação ambiental.

A problemática de tais visões sobre Rondônia engloba o fato de que sua formação ocorreu - entre outros - dentro de complexas diferenças socioculturais

entre populações tradicionais (índios, caboclos, quilombolas) e os “pioneiros desbravadores” (colonos, capitalistas, militares entre outros).

A aceleração de processos de modernização e ocupação humana sobre Rondônia inverteu o que seria uma memória coletiva nativa, por uma memória coletiva dos que chegaram, os “de fora” que pelo passar das décadas e pela forte migração, tornaram-se a maioria dos de “dentro”.

Em tempos imemoriais, a ocupação humana da região se deve aos povos indígenas; passando muitos séculos depois, pela chegada dos europeus e pelo *boom* migratório recente, intensificado com a construção e pavimentação da BR-364, que tirou a região do isolamento terrestre com outras partes do Brasil.

O forte avanço migratório, somado em mais de um milhão de pessoas em duas décadas fez com que os que estavam, passassem a ser minoria e os que chegavam sobrepuseram locais de memórias múltiplas, atreladas ao mundo ocidental capitalista que por sua vez também modificou a paisagem “natural” local.

Nesse contexto mais recente é que vai se cristalizar uma história que necessita de tradição com e sobre o local que passou a ser inventado e reinventado, geralmente com alguma influência de interesses capitalistas externos, seja advindo do campo político-administrativo estatal, ou por interesses internacionais, nos quais a mídia impressa teve e tem papel preponderante no sentido de intenções de convencimento e cooptação da opinião pública ao longo da história do que veio a ser Rondônia.

Rondônia possui ainda um aspecto trágico, o de ser muitas vezes válvula de escape para problemas sociais de outras regiões do país. No passado, índios foram dizimados pela escravidão, mas posteriormente, buscou-se “acolher” retirantes nordestinos que fugiam das intempéries climáticas e do “coronelismo” nordestino nos dois períodos gomíferos.

Recentemente foi palco de projetos que pretendiam resolver problemas fundiários de outras espacialidades de uma nação que, também, se construiu ou se inventou a partir do Século XIX, pelo uso coercitivo do Estado amparado, muitas vezes, por representações ideológicas da mídia escrita com o intuito de assegurar as fronteiras e a identidade nacional, quando na verdade o que se constituía era uma hegemonia regional do centro-sul que buscava utilizar as outras regiões como se fossem colônias dentro de um mesmo país.

Na busca de entendimento das reverberações midiáticas destacamos sobre Rondônia quatro representações importantes sobre o local: 1) O *Eldorado* (ou Terra da Providência); 2) A Terra de “pioneiros”; 3) O local inacabado; 4) O Cenário a ser desenvolvido (inserido) na “modernidade” e no “progresso”. Em todos esses signos, sem exceção, há um tema histórico transversal recorrente, a expropriação humana e a incorporação de áreas indígenas ao mundo capitalista.

2.1 O *Eldorado*: a terra da providência

O forte processo de migração, colonização e urbanização trouxe consigo colonos provenientes principalmente do Sudeste e Sul do Brasil, muitos incentivados a vir para a região por uma migração dirigida pelo Estado³, então sob o comando da Ditadura Militar (figura 1).

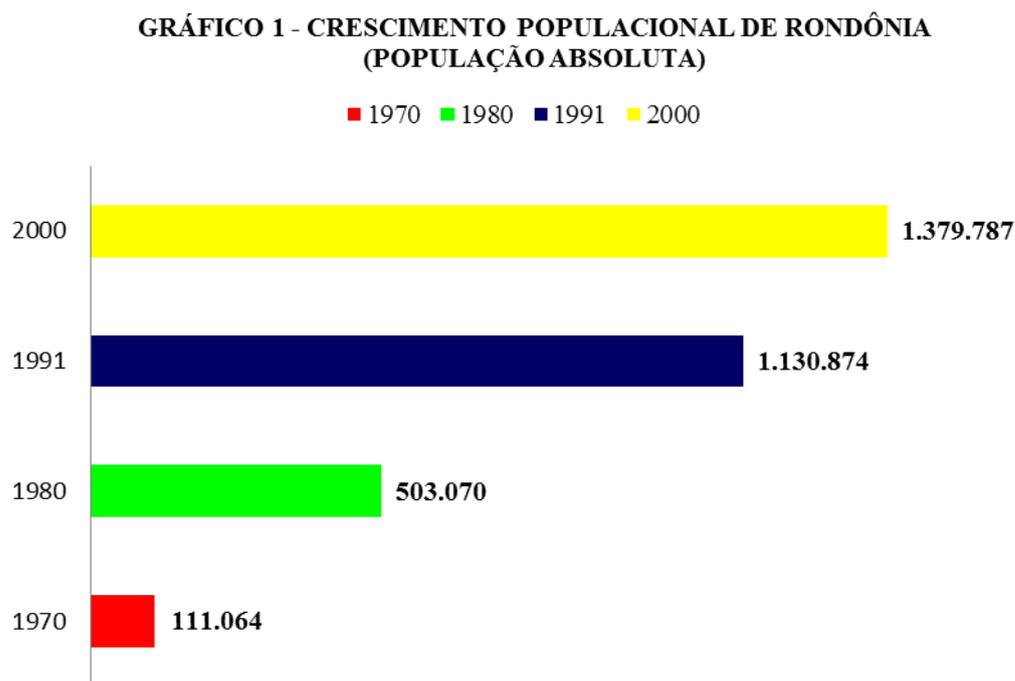


Figura 1 – Gráfico de Crescimento Populacional de Rondônia (1970-2000) (Fonte: IBGE/2002).

Foi um processo diferente dos demais, pois para além do fluxo, aspectos econômicos e o contexto eram outros que não aqueles do passado, mais ligados ao extrativismo gomífero e/ou a mineração. O forte incentivo à agricultura e à pecuária fixou muitas famílias ao estado.

A terra era o objetivo a ser atingido pela maioria, não por acaso o termo *Eldorado* que remonta a ideia de Terra da Providência - visões de aspectos

teleológicos de tradição milenarista judaico-cristã - apareciam repetidas vezes nas representações dos discursos midiáticos sobre e para o local (figura 2), nunca deixando de ser uma “fronteira em expansão” que atraía e, ainda, atrai a “modernização” e a “civilização” para a selva.

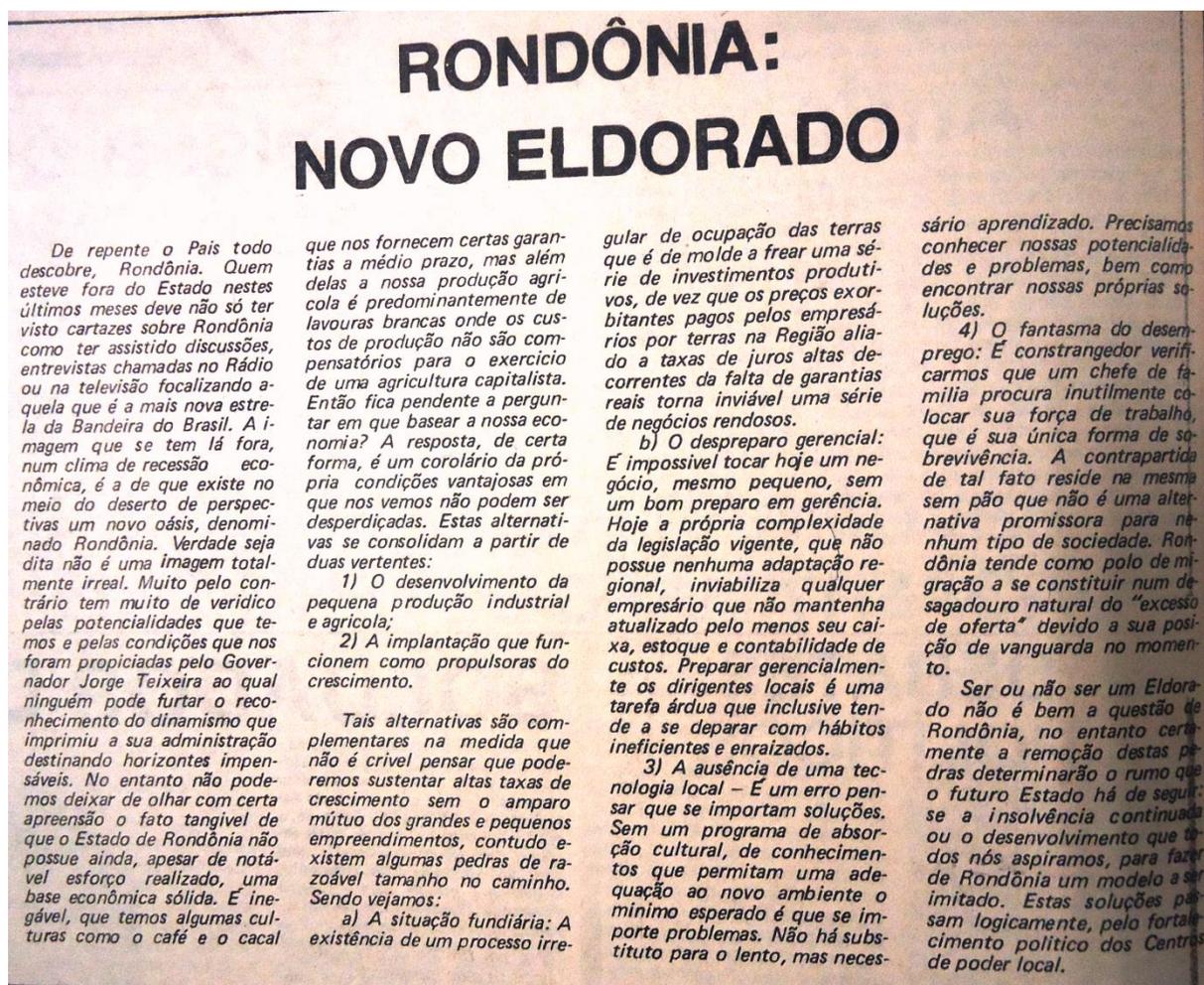


Figura 2 - Editorial: A realização do Novo Eldorado (Fonte: O Estadão de Rondônia, 15.03.1981, p. 02).

A revista Veja de 27 de agosto de 1980, reverberava o mito ao descrever as expectativas de migrantes paranaenses na vinda para o Território.

Na hora do crepúsculo, dezenas de famílias carregando magras mudanças e um sonho comum, invadem silenciosamente a estação rodoviária de Cascavel, a 500 quilômetros de Curitiba. Enquanto comem pedaços de queijo crioulo, os homens permanecem atentos ao fanhoso sistema de altofalantes que logo vai chamá-los para a viagem rumo ao eldorado dos anos 80: o território de Rondônia [...] De janeiro de 1977 a junho deste ano, 250 000 brasileiros marcharam sobre Rondônia, empurrados pela crença de que ali é possível enriquecer rapidamente. (id.ib. p. 58).

Em Porto Velho havia forte propaganda feita de forma quase pessoal pelo governador Jorge Teixeira, como bem demonstra trecho de um discurso seu captado pelas lentes do documentarista chinês, naturalizado britânico, Adrian Cowell (1990), no início dos anos 1980⁴.

Olhamos para traz e nos damos conta de que Rondônia se fez de mãos calejadas, corpos suados e poeirentos do divino trabalho da terra, venham brasileiros de todo o Brasil! Venham gentes de todos os povos! Rondônia lhes oferece: trabalho, solidariedade e respeito. Tragam seus sonhos, anseios e ilusões, compartilhem tudo isso com este povo admirável.

Teixeira incentivava entusiasticamente a vinda de migrantes para um estado que já sofria com um gigantesco deslocamento populacional sem precedentes, no Brasil e talvez no mundo, naquele período. Buscou governar Rondônia pelo domínio da sociedade por meio de um tipo de “consenso”, ao invés de utilizar métodos repressivos diretos, muito comuns aos que faziam parte daquele regime de exceção⁵ como ele, mesmo em uma época na qual a ditadura já dava sinais de desgaste.

Intentou por meio da imprensa - escrita e falada - aplicar aos migrantes estratégias discursivas mais sutis. Quando a grande mídia não ia ao encontro dos signos de terra da providência e/ou *eldorado*, e apresentavam alguma crítica ao projeto de Rondônia passar a estado, o governador chegava a responder pessoalmente as reportagens, como o fez nas páginas ao leitor da revista *Veja* de 24 de setembro de 1980.

Acostumado a ver nesta prestigiosa revista seriedade e senso nas reportagens que enfocam aspectos da problemática brasileira, fomos surpreendidos com a matéria divulgada [...] A matéria não retrata a verdadeira face de Rondônia, quando uma população pioneira e progressiva com sacrifício e patriotismo, assume a árdua tarefa de incorporar essa região ao processo desenvolvimentista do Brasil, transformando-a na mais nova fronteira agrícola (id. ib., p.10-12).

Era recorrente nas falas teixeirista, reverberadas pela mídia impressa, uma Rondônia de bela face, próspera, preocupada com o seu desenvolvimento. Era dentro destes signos que ele e a imprensa tendiam a buscar homogeneizar os que chegavam pela alcunha de “pioneiros”, espécie de desbravadores que tinham a nobre missão de estruturar o “local inacabado”. Um consenso importante, pois tendia a dissolver as hierarquias socioeconômicas e culturais, ao mesmo tempo em que encobria os conflitos advindos das diferenças entre os migrantes e, entre os

migrantes com caboclos, índios e quilombolas. Aos índios, quilombolas e caboclos - com suas formas tradicionais - era negado o pioneirismo, pois não se enquadravam nas representações ocidentais de modernidade. Com seus locais “inacabados” não se configurava em notícia. Numa época de euforia progressista aqueles sujeitos históricos representavam o arcaico.

2.2 Terra de pioneiros: o local inacabado

A imagem recorrente do que seja Rondônia e por extensão, a Amazônia, é de uma imensa extensão de terras de natureza pujante, praticamente indomável, onde sua população tradicional, mesmo a não indígena, é vista como atrasada. Tal região precisaria ser desenvolvida e tal desenvolvimento teria que vir de fora, de algum agente externo civilizador, já que essas populações não se mostrariam capazes de sair do seu estado de natureza e/ou atraso (GONÇALVES, 2001).

Essas visões fazem parte de campos simbólicos que se entrelaçam ao longo dos anos na busca de consenso hegemônico para a região. Há dois momentos reverberados na imprensa que nos fazem refletir sobre tais consensos. Um discurso proferido por Getúlio Vargas, em 1940 na cidade de Manaus sobre a Amazônia e uma reportagem da revista *Veja* quarenta anos depois, sobre a formação das cidades em Rondônia.

Em 10 de novembro de 1940, Getúlio Vargas, antes de sua viagem a Porto Velho - então cidade do interior do Amazonas - fez contundente discurso de como seu governo enxergava a região amazônica brasileira⁶.

Nada nos deterá nesta arrancada que é, no século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada. O Amazonas, sob o impulso fecundo da nossa vontade e do nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da terra, e equiparado aos outros grandes rios tornar-se-á um capítulo da história da civilização (Apud. BENCHIMOL, 1992. p. 70).

Em 27 de agosto de 1980, a revista *Veja* traz uma reportagem especial de cinco páginas intitulada “O faroeste brasileiro”, na qual faz paralelos entre a intensa migração e a formação de cidades em Rondônia com a conquista do “Velho Oeste” dos E.U.A do século XIX.

“Quem é louco de ficar aqui nas águas” [época de chuvas]? Exclama o gaúcho [dono de madeireira] [...] “A estrada fecha, os aviões não tem vagas, falta água nas casas, some o pão e a cidade fica às escuras por falta de combustível. O jeito, então, é mandar a família para Porto Alegre” [...]. São dificuldades naturais num território em que povoados nascem e incham em questão de semanas, adubados por multidões que não param de chegar (id.ib. p. 59).

Em ambos, tanto no discurso, quanto na reportagem, há de forma implícita imagens que nos remetem as ideias de local inacabado sendo estruturado, mas que ainda lhe faltava aspectos simbólicos do modernismo urbano de outras paragens. Essa perspectiva de local em “desordem” não é recente, uma vez que o inacabado também significava sua não plena incorporação ao mercado que se implantaria de forma definitiva a partir dos anos 1980, com sérios impactos ambientais e desenvolvimentos estruturais como hidrelétricas, cidades e pavimentação de estradas.

Essas representações não eram produzidas, mas reverberadas de outras épocas em novos contextos. A mídia impressa tem esta força reprodutiva de realimentar e fazer renascer velhos discursos que passaram a fazer parte do que se pensa sobre a região. A representação de que a floresta precisava ser desbravada (e/ou destruída) atraiu muita gente de vários lugares do Brasil. O processo migratório definitivo havia sido iniciado na década de 1960 e teve crescimento significativo até 1980, quando ocorreu seu maior surto. Este processo inicial foi chamado de forma controversa de migração espontânea pela não participação direta do Estado. Eram pessoas que chegavam cada vez em maior número, constituindo os “pioneiros” da “conquista” tardia do Oeste brasileiro.

Quem eram os “pioneiros” na formação de Rondônia? De fato o que se presenciou não só em Rondônia, mas em toda a Amazônia brasileira e Mato Grosso foi um intenso processo de especulação fundiária, denunciado em reportagem de 13 de fevereiro de 1980, na revista *Veja*, como forma velada de defender a interferência do governo militar sobre a região.

DOMÍNIO PAULISTA – Há alguns anos, desenvolveu-se grande corrida às terras do Mato Grosso e da Amazônia. Uma pesquisa do Serviço Nacional de Processamento de Dados (Serpro), feita com base nos imóveis cadastrados pelo INCRA ainda em 1972, oferece dados significativos sobre a propriedade rural em alguns Estados daquela região. Em Mato Grosso, nada menos que 378% das terras pertencem a residentes no Estado de São Paulo. Nesse mesmo caso estão 15% das terras do Pará, 9% de Goiás e 8% do Amazonas. Os números ganham mais importância na medida em

que os dados de cadastramento são ainda precários. Em Rondônia, por exemplo, onde os paulistas possuem 3% das terras, apenas 12% do total do território são cadastrados (id. ib. p. 24).

A ideia de “pioneirismo” em tal contexto encobre as contradições do fenômeno. De acordo com a reportagem, muitos que se aventuraram em comprar e/ou grilar terras nem sequer moravam no Território. A terra se constituía em forma capitalista de especulação fundiária e para extrair madeira e minerais. O jornal Estadão de Rondônia trouxe em seu editorial do dia 1º de janeiro de 1981, apontamentos importantes para essa reflexão. O texto apresenta dois tipos de “pioneiros” o colono “comum” que vem cultivar a terra e os técnicos, especialistas que seriam mais “ativos” no processo administrativo do Território.

O processo migratório verificado nos últimos anos para o Território Federal de Rondônia está provocando, por parte das autoridades, uma tomada de medidas a curto e médio prazos, visando estruturar adequadamente o Território para receber e dar condições necessárias a estes novos moradores [...] Somente no ano de 1980, entraram em Rondônia, aproximadamente 70 mil pessoas. Uns buscam a terra fértil disponível para o cultivo de várias plantações, outros participam ativamente do processo administrativo do Território, estruturando-o para em breve ser mais um Estado da Federação [...] o migrante que vem trabalhar no serviço administrativo e que na grande maioria não é computado pelo CETREMI, uma vez que aqui chegam por via aérea, tem hoje seu papel de destaque dentro da comunidade rondoniense (id. ib. p. 2).

Há um momento, também, como de costume no período para a fala do governador - apontando concordância entre mídia impressa e governo - que descreve a sua visão sobre o “verdadeiro pioneiro” que seria diferente do “piotários”.

O governador Jorge Teixeira, numa tirada jocosa, disse que existem os pioneiros e os piotários. Os pioneiros são os que veem conscientes de que os esperam e lutam por um lugar de destaque e os piotários são os aventureiros que veem movidos pelo espírito desbravador e que, na maioria das vezes conseguem se afirmar. Outro aspecto abordado pelo governador é com relação à política. Disse ser muito fácil ser oposicionista numa terra onde tudo está por se fazer (id.).

O Editorial ainda aponta algumas considerações de migrantes, sempre reforçando também o mito do *eldorado* e de local inacabado.

Um migrante do Centro Oeste afirma que não se pode exigir de Rondônia a mesma infraestrutura dos outros Estados. “Em nossa terra temos tudo organizado. Um Território sempre foi encarado como um vir a ser [...] Rondônia será um celeiro agrícola. Tem cabeças pensantes. Tem gente

disposta a trabalhar e está recebendo apoio do Governo Federal. É preciso apenas que se acredite que se coloque fé e que trabalhe”.

“Quando cheguei a Rondônia levei o maior susto”, afirma um paranaense que trabalha na administração local, “de imediato senti vontade de voltar. Resolvi ficar por uns tempos, hoje me sinto da terra com 4 anos de Território. Esta terra é estranha, tem qualquer coisa de misteriosa que prende a gente. Hoje sou da região e não penso em voltar, isto é, só a passeio”.

Um gaúcho, que trabalha numa empresa privada disse: “cheguei com a cara e a coragem. Não tinha emprego, estava com pouca grana e não sabia por onde começar. Mas vim, vi e venci. Gosto muito daqui e estou torcendo para ver o novo Estado”. (id.).

E, por fim, a conclusão do editor do jornal: “Com estes depoimentos, temos um panorama geral das potencialidades desta terra. ‘Ela prende a gente’, assim a define muitos. Prende por ser uma terra a ser explorada, um ‘vir a ser’”.

Essa perspectiva centrada na figura do “pioneiro” tão enraizado nos antigos colonos que viveram aquele *boom* migratório tende historicamente a dissolver a dialética que perpassa não só o projeto de criação do estado de Rondônia, como turva a visão sobre os que se debruçam sobre as problemáticas do período. O problema está justamente na dissolução dos conflitos sociais como bem aponta Otavio Ianni (1986, p. 133).

A ideia de pioneiro é um pouco a ideia que alimenta os grileiros, latifundiários, fazendeiros, empresários, gerentes, técnicos, funcionários governamentais e, às vezes, o próprio trabalhador rural. Os comerciantes de transportes para migrantes, os negociantes de terras, os empreiteiros de força de trabalho, os gatos e os peões, todos buscam apegar-se e difundir a ideia de que todos – peões, vaqueiros, gatos, funcionários governamentais, gerentes, técnicos e outros – são pioneiros. Pensam que estão criando uma nova sociedade, que isso os iguala e harmoniza. Há um pouco o mito da sociedade sem classes em algumas áreas em que a colonização espontânea se instala com maior dinamismo, nas quais os negócios de todo tipo se multiplicam.

O próprio nome do estado está vinculado ao mito do pioneirismo desbravador. Incluído em 1956, em homenagem ao Marechal positivista Cândido Mariano Rondon, talvez ele seja a melhor personificação e inspiração da representação de “pioneiro” e “desbravador” de selva em nome do “progresso civilizatório”.

2.3 Progresso e Modernidade na selva

Em setembro de 1982, o boletim do GTME⁷, denunciava os problemas sociais provocados pela “euforia do novo” e da “modernidade” em Rondônia sobre os povos indígenas.

A questão indígena se resume numa só palavra: resistência. É luta contra o expansionismo neo-brasileiro, que rompe fronteiras indiscriminadamente. É a batalha constante contra a ocupação de suas terras [...] Observamos que Rondônia vive uma grande euforia de novo estado. Tudo é novo, é grande, e deve ser moderno! É um ufanismo que parece ser muito artificial e muito em breve o povo acordará do sonho e voltará à realidade (id. ib. p. 17; 25)

Se por seu lado, os indígenas eram expropriados pelo intenso processo de mercantilização de suas terras, como expunha a revista, por outro os colonos/migrantes que chegavam também viviam em sua maioria adaptações difíceis. Uma das preocupações nos municípios que surgiam ou se ampliavam era a de reproduzir padrões de consumo dos seus locais de origem, entre os quais os representados aqui principalmente pelo rádio - que já possuía uma tradição, mas que agora se modernizava pelas FM's - e, principalmente pela TV, como bem ilustra reportagem do jornal “Tribuna Popular” de Cacoal em 16 de janeiro de 1985.

Emissoras de televisão e rádio FM não entraram em operação em decorrência da não vinda dos técnicos especializados, a deputada federal Rita Furtado (PFL) uma das detentoras da concessão afirmou que “a não entrada em operação das emissoras do grupo Rondônia em Cacoal no tempo determinado (antes das festas natalinas) se deu única e exclusivamente pela falta de segurança e confiabilidade na energia elétrica distribuída para Cacoal [...] Rita Furtado confirmou, ainda que com o término dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos pela Ceron, o grupo Rondônia colocará no ar, as três redes de televisão (Manchete, Bandeirantes e SBT do grupo Sílvio Santos) e a emissora de rádio em frequência modulada (id.ib., p. 3).

A reportagem nos remete a busca de hegemonia por grupos políticos que adquiriam concessões públicas de empresas de mídias audiovisuais⁸, como “a deputada federal Rita Furtado”, que garantia aos telespectadores/eleitores que colocaria “no ar, as três redes de televisão (Manchete, Bandeirantes e SBT); e a emissora de rádio em frequência modulada”, uma vez que a Rede Globo, graças ao apoio dos governos da Ditadura Militar, já possuía sinal em Rondônia.

Assim, o desejo de modernidade era algo recorrente, tantas vezes repetidamente pronunciada nas mídias impressas; tais signos de modernização sobre a selva nos leva a uma reflexão mais detida sobre a Modernidade.

Historicamente a modernidade representa um período influenciado pelo pensamento do Iluminismo, em que o homem passa a se reconhecer como um ser autônomo, autossuficiente e universal, e a acreditar que, por meio da razão, pode atuar sobre a natureza e a sociedade. Esta descrição clássica nos possibilita duas constatações importantes: a categoria espaço e a condicionante tempo.

Num primeiro momento podemos dizer que uma das condições para refletirmos a Modernidade é a sua característica prerrogativa de libertação que originalmente seria universal e, num segundo momento, sua crença na razão como intermediária da ação entre homem e natureza, destacando uma primeira distinção entre natureza física e social.

David Harvey (2009) descreve a Modernidade, enquanto projeto, como filha do pensamento do Iluminismo, embora nos lembre de que o termo seja bem mais antigo e ao criticar essa visão otimista sobre o progresso e seus significados, Harvey nos lembra de seus efeitos no século XX.

O século XX - com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki - certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há a suspeita de que o projeto Iluminista estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana (id.ib. p.23).

Por seu turno, Marshal Berman (2007) enxerga as contradições do processo pelas suas efemeridades. Para ele, na modernidade não há teleologias ou ortodoxias fixas, não por acaso usa palavras como aventura, perigo e turbilhão como metáforas. Para Berman, a Modernidade é uma experiência humana ligada ao tempo e ao espaço, compartilhada de forma global no mundo atual. Nesse sentido ele desenvolve seu raciocínio:

Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiência com "modernidade". Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de

luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar” (Ib. id.. p.24).

Na criação e implantação do estado de Rondônia, aventura, crescimento, experiência ambiental, anulação de fronteiras geográficas, unidade desunida, permanente desintegração e, principalmente contradição, são experiências com a modernidade que não faltaram aos que ousaram migrar entre os anos 1970 e 1980.

Os “pioneiros” em busca do “Eldorado”, da “Terra da Providência” no contexto da “transformação das coisas ao redor”, da floresta, entraram neste turbilhão sobre o qual fala Berman, os ligava ao capitalismo de mercado, uma vertigem que unia desunindo. Do empresário que se arriscava em novos investimentos longínquos, ao pequeno agricultor que vinha em busca de terras, ao criminoso em busca de refúgio no local distante.

Em contrapartida o mesmo turbilhão que transformava os que chegavam também desintegrava os que estavam, principalmente, os povos de origem indígena. Posto isso, é contextualizador vermos em Berman a crítica à modernidade, a qual é importante e contemporânea do paradigma ambiental, fortemente presente em qualquer estudo amazônico a nos lembrar de que a Modernidade não só pode proporcionar prazeres como sofrimentos, ao mesmo tempo em que nos uni - mesmo que “uma unidade desunidade” - pelo seu domínio da natureza.

É significativo outro aspecto da modernidade em Rondônia, a efemeridade de obras modernas que, após impactos socioambientais enormes no passado, estão hoje a nos assustar enquanto “fantasmagorias”⁹ das quais se empenhou tempo e capitais (financeiros e humanos) em prol dos discursos civilizatórios e dos lucros. Muito bem simbolizado pelo “cemitério das ferrovias” em Porto velho (figura 3) os trens sucateados estão “mortos” após o turbilhão que foi a chegada da Revolução Industrial à selva e nos lembram da nossa tradição com a “experiência” de modernidade.



Figura 3 - “Cemitério das ferrovias”, Porto Velho (fonte: próprio autor, 2012).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sobre Rondônia reverberadas pela mídia impressa durante o auge da migração para o estado se caracterizou como um tema controverso que, apesar das polifonias, possuía elementos padronizados de manipulação. Serviram em muitos casos para evidenciar conflitos hegemônicos entre esferas públicas, privadas e religiosas nas quais os signos de providência e progresso eram arbitrariamente representados como uma espécie de pretexto para questões múltiplas que buscavam consensos sobre o que deveria ser o local.

A desmistificação da grande imprensa nesta pesquisa se fez pela constatação das intenções múltiplas aqui citadas que não são outras se não as ligadas aos interesses corporativistas das empresas de mídia escrita ligadas à criação do estado de Rondônia, que buscou constantemente equilibrar suas arbitrariedades com o que julgava serem “vontades coletivas”, ajudadas pelo contexto da época que, em última instância, trabalhava na manutenção de um *status quo* que buscava significação sobre um local que deveria se negar em seus espaços naturais e de memória para receber o “novo”.

REFERÊNCIAS

A grave situação indígena em Rondônia, **Boletim do GTME**, setembro, 1982, p. 17.
A realização do Novo Eldorado. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 15 de mar. 1981, p. 2.

- BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Cartas: Rondônia. **Veja**, São Paulo, 24 de set. 1980, p. 10-12.
- COWELL, Adrian. **Nas cinzas da floresta**. São Paulo: Verbo Filmes, 1990. Videocassete (52'), color.
- Domínio Paulista. **Veja**, São Paulo, 13 de fev. 1980, p. 24.
- E o fluxo migratório. **O Estadão de Rondônia**, Porto Velho, 1º de jan. 1981, p.2.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.
- HALBAWSCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem-fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- IANNI, Octavio. **Ditadura e Agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964-1978**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1986.
- IBGE. **Anuário Estatístico**. Rio de Janeiro, IBGE, 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> acessado em: 10/09/2013.
- MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**, São Paulo: Boitempo, 2004.
- O faroeste brasileiro. **Veja**, São Paulo, 27 de ag. 1980, p. 59.
- Rita Furtado: emissoras de televisão não entram em operação por falta de condições energéticas. **A Tribuna Popular**, Cacoal, 16 de jan. 1985, p.3.

NOTAS

¹ Professor do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia, Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC.

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Mestrando do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia.

³ Em sua maioria era homens e mulheres ligados à agricultura, caracterizando o processo como uma migração interrural de camponeses em busca de terras.

⁴ Em seu documentário *“A década da destruição: nas cinzas da floresta”*.

⁵ Para um aprofundamento da relação entre ideologia administrativa e Estado ver István Mészáros (2004, p. 143-146).

⁶ Quando da “reabertura” da indústria da borracha como parte da estratégia dos *Aliados* para vencer a Segunda Guerra Mundial.

⁷ Grupo de Trabalho Missionário Evangélico, periódico alternativo ligado a Igreja Metodista. Ironicamente, tanto a “modernização”, quanto as “boas intenções” missionárias eram extremamente importantes na desintegração dos povos tradicionais e afetavam sobremaneira estas sociedades com verdades que não eram suas, mas trazidas pelos colonizadores missionários.

⁸ Esta ligação entre concessão de rádios e TV’s com políticos em Rondônia é, ainda na atualidade perceptível em programas populares em que muitos apresentadores são ou foram políticos que exerceram ou exercem cargos públicos.

⁹ A este respeito ver Francisco Foot Hardman (1988), que analisa a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré enquanto fruto da modernidade para quem a construção da EFMM nasceu com “aspectos da moderna apreensão do sublime (trânsito entre natureza e cultura, geografia e história, caos selvagem e ordem nacional, fascínio do espanto, atrativos secretos da escuridão e do medo)” (id.ib. p.119).